

QUARENTÃO

Paulo Cesar Machado*

Naquela tarde estava eu esperando o ônibus em um ponto próximo ao Hospital Franco da Rocha. Junto comigo havia mais duas pessoas, um senhor que vestia roupas simples e uma senhora que parecia ser sua mãe. Logo depois chegou um outro senhor, que também deixava transparecer certa simplicidade, mas com um ar de preocupado. Não dei muita atenção, porém fiquei intrigado em saber o que preocupava aquele senhor. Em menos de um minuto ele se dirigiu às duas pessoas que estavam no ponto comigo e disse:

- Vocês não teriam, por acaso, dez centavos para eu inteirar a minha passagem? Eu saí de casa com pressa e nem me dei conta que estava faltando.

Pensei comigo que talvez quando ele saíra de casa já soubesse que não tinha os dez centavos, mas da mesma forma decidi arriscar, pois era impossível que ele não encontrasse alguém que não tivesse dez centavos para emprestar.

Eu não tinha! Não tinha mesmo, apenas vale-transporte. Inclusive torci para que aquela senhora e seu suposto filho tivessem a bendita moedinha para emprestar ao suposto “descuidado” senhor. Por sorte eles tinham. E emprestaram. Ou melhor, deram, porque seria muito difícil eles se encontrarem novamente. Deram, portanto, a moedinha.

Mas um gesto como este não merece o silêncio, assim o senhor esquecido resolveu conversar e contar que ele havia saído cedo de casa para consultar com o doutor Raul, mas não sabia que o médico atendia somente pela parte da tarde; como não tinha dinheiro para ir para casa e voltar (isto é pressuposição minha) ele ficou aguardando até àquela hora, sem almoço. Os três então começaram a falar sobre o Dr. Raul, os médicos, as consultas, e de como os

* Acadêmico da 4a. série do Curso de Licenciatura em Letras

cobradores ficam com os dez ou vinte centavos da gente quando eles não têm troco, mas que não devemos entrar no ônibus quando nos falta dez, cinco, ou até mesmo um centavo, pois eles não deixarão passar. Até que a senhora perguntou:

- E quanto que está a consulta com o Dr. Raul?

- Quarentão. – respondeu o esquecido.

A partir de então parei de prestar atenção ao diálogo dos três e comecei a pensar sobre esta palavra: quarentão.

Na língua portuguesa os substantivos e os adjetivos, além de sofrerem flexão de gênero e número, sofrem também flexão de grau: casa, casinha, casarão; carro, carrinho, carrão; grande, grandinho, grandão... e assim por diante. Porém os números sofrem apenas flexão de gênero, e isto apenas nos dois primeiros, um-uma, dois-duas, porque o restante é imutável: três casas, três carros, quatro homens, quatro mulheres... Ah, tem também as centenas que sofrem flexão de gênero, como duzentos, duzentas ... até novecentos ou novecentas. Daí para frente nada muda até o fim, ou melhor até o infinito. Por que então os números sofrem, na linguagem popular, flexão de grau? Quarentão!?!

Pensando sobre isso, enquanto esperava o ônibus, cheguei à conclusão que isto se dá devido ao fato de o povo fugir do plural, ou pelo menos do “esse” plural, o que daria a impressão de uma falsa erudição. Ao falar “quarentão” aquele senhor evitou falar “quarenta reais”. Porque falar “reais”, assim com todos os “erres” e “esses” soa esquisito; falar apenas “quarenta”, sem um complemento, não cai bem. Assim, “quarentão” é a solução de todos estes problemas.

Mas o meu problema não estava ainda solucionado e resolvi ir mais a fundo na questão do “quarentão”. Não é todo número que, significando dinheiro, pode ser flexionado dessa forma. Vejamos: pode-se dizer “cincão” mas não se diz “seizão”, “setão” ou “oitão”. Concluí, portanto que se usa o sufixo “ão” para números múltiplos de cinco, até vinte. Pois se fala tranquilamente “deizão”, “quinzão”, “vintão” mas “vinte-e-cincão” já fica ruim. A partir de vinte portanto a flexão vale apenas para os múltiplos de dez: “trintão”, o nosso já conhecido “quarentão”, “cinqüentão” e assim por diante. Interessante notar que a partir de cem, “cemzão”, a flexão funciona de cem em cem. Não se diz “cento-e-deizão”, mas fala-se perfeitamente “duzentão”, “trezentão”, até “milão”. Aí acabou; não é mais possível nenhuma flexão com “ão”.

E isto vale apenas para números redondos, sem os centavos. E como faz para se fugir do plural dos centavos, aquele “essezinho” incômodo e ruim de pronunciar? Fácil, fala-se “e pouco”. Desta forma se alguma coisa custa R\$ 5,45 (cinco reais e quarenta e cinco

centavos) ela passa a custar “cinco e pouco”, porque o centavo é desprezível mesmo (a não ser que falte para o ônibus).

Chegou o ônibus. Eu entrei, sentei e continuei pensando sobre o “quarentão”.

E não é que existe um outro uso para esta flexão numeral: quando vai se referir à idade, ou à idade aproximada de alguém. Por certo você já ouviu alguém dizer: “aquele quarentão que trabalha no correio” ou “ele é um senhor cinquentão, muito distinto”. Pois é, usa-se também para referir-se à idade aproximada de alguém, geralmente do sexo masculino. Porque mulher não gosta de ser chamada de quarentona, cinquentona ou de qualquer outro “ona” (solteirona, mandona, gostosona, por exemplo).

E ainda assim para idade vale apenas a partir dos trinta anos, ou você já ouviu alguém se referir a um menino “ele é um ‘deizão’” ou “aquele ‘vintão’ que estuda na universidade”? E isto vai até os setenta anos que, conforme a Bíblia, é até onde vai a duração do homem, fato notável quando chega aos oitenta.

Falando em oitenta, faltam apenas dois anos e “pouco” para eu chegar à metade disso. Pensando bem, eu sou quase um “quarentão”.